

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA
DO RIO DE JANEIRO



Júlia Almeida Martins

**Um olhar sobre as infâncias ribeirinhas do
Rio Negro**

MONOGRAFIA

DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO

Programa de Pós-Graduação em Educação Infantil e
Perspectivas para o trabalho em creches e pré-escolas.

Rio de Janeiro
Setembro de 2017

CCE
COORDENAÇÃO
CENTRAL DE
EXTENSÃO



Júlia Almeida Martins

Um olhar sobre as infâncias ribeirinhas do rio negro

Monografia

Monografia apresentada ao Programa de Pós-graduação da PUC-Rio como requisito parcial para obtenção do título de Especialista em Educação Infantil e Perspectivas para o trabalho em creches e pré-escolas.

Orientadora: Denise Sampaio Gusmão

Rio de Janeiro
setembro de 2017

Dedico esse trabalho à todos os ribeirinhos do Rio Negro
que me mudaram de uma maneira que nem eu podia
imaginar.

Agradecimentos

Como tudo nessa vida, em primeiro lugar agradeço a Deus por me guiar até essa pós-graduação que sem dúvida, foi a escolha mais acertada para o meu crescimento profissional. Por colocar minha cabeça no lugar certo, na hora certa e por me dar paz e foco quando mais precisei.

Agradeço muito à minha orientadora Denise Gusmão por toda a calma e parceria. Por entender meus momentos, e por oferecer acolhimento e suporte sempre que precisava. Pela sensibilidade e por acreditar que eu daria conta.

Ao corpo de professores maravilhosos que compõem esse curso. Pelo incentivo para seguir na educação de um país que tanto nos desvaloriza. Por nos empoderarem e por nos fazerem acreditar que podemos mudar nossa triste realidade.

Agradeço ao projeto “Salva-vidas Amazônia” que me possibilitou essa vivência incrível de imersão na Amazônia. À todos os ribeirinhos que tive contato e que me ensinaram tanto, mesmo sem ter essa pretensão.

Ao meu pai por sempre incentivar meu crescimento profissional da forma que eu acredito ser melhor paramim. Por perguntar todos os dias do “menininho da foto”, por trazer notícias de educação e por, mesmo sem querer, apoiar meus planos de futuro.

À minha mãe por cuidar de mim além de suas forças. Por trazer coxinha, brownie ou bolo quando eu preciso. Por ter mãos que massageam meus ombros tensos e que acariciam meu coração ansioso. Por ser amiga, além de mãe.

Às minhas irmãs que me inspiram cada dia mais. À Luana pelo exemplo de força e dedicação na caminhada do mestrado e da vida. Por todos os suportes acadêmicos e mentais. À Clara, minha artista nata, pelo engajamento político em cada pincelada e por querer dar voz aos “menó” através de seu olhar sensível. Pelas conversas matinais que me faziam respirar entre uma página e outra. Sem vocês eu certamente não conseguiria. Obrigadas por serem minhas melhores amigas.

Aos amigos que entenderam minha ausência de perto e que de longe sempre torceram. Às minhas irmãs de alma, Rebeca e Mariane, por estarem mais uma vez ao meu lado em mais um percurso da vida. Por me fazerem rir quando precisei e por saírem de casa para cuidar de mim quando pedia por socorro.

Às amigas que a graduação me deu, Carol, Gabi e Ju, e que mais um vez, mesmo que não na rotina do dia-a-dia, estiveram por perto torcendo por mim. Minhas pedagogas preferidas!

Às amigas que vieram da infância, que ficaram longe, mas que sempre estão por perto, Renata e Maria, por cada mensagem escrita ou áudios enormes que me faziam parar um pouco na correria para sorrir. Obrigada por me proverem coragem para continuar.

Ao meu amor, Fernando, que chegou no meio desse processo todo, com toda sua sinceridade e parceria, me dando toda a força necessária mesmo que de longe. Obrigada por sempre me ouvir, mesmo quando não concorda e por sempre ser você. Obrigada por me trazer de volta a escrita quando passei pelo furacão. Te amo!

Resumo

Essa monografia é fruto de uma viagem à Amazônia que me trouxe a vontade de pesquisar sobre a infância ribeirinha. Foram duas viagens. A primeira foi em agosto de 2016, onde fiquei morando na Comunidade do Saracá, no Rio Negro, por uma semana. Visitei duas comunidades próximas, a dos Ingleses e o Tumbira, que também fizeram parte dessa pesquisa. A segunda viagem foi em fevereiro de 2017, e dessa vez fiquei num barco e visitei mais comunidades: Costa do Araras, São Sebastião, e novamente Saracá e Tumbira. A segunda viagem teve um foco maior de pesquisa e usei como recursos as conversas com as crianças e duas professoras, fotos minhas e das crianças e desenhos feitos por elas. Meu objetivo é pensar sobre a realidade ribeirinha, principalmente sobre a infância, pois pouco se fala sobre eles, e através da minha experiênciamostrar o que acontece no interior da floresta Amazônica.

Palavras-chave: Infâncias; Ribeirinhos; Amazonas; Práticas culturais.

Sumário

Introdução	9
1- Encontro com as comunidades ribeirinhas.....	12
1.1. Primeiro contato.....	12
1.2. Saracá.....	14
1.3. Comunidade dos Ingleses.....	19
2- A chegada em tumbira e as professoras izolena e saracá.....	27
2.1. Tumbira.....	27
2.2. As professora Izolena e Saracá.....	30
3- O retorno à Amazônia.....	36
3.1. Desenhos das crianças ribeirinhas.....	37
3.2. Olhares.....	42
3.3. Rio Cuieiras.....	47
4- Considerações Finais Erro! Indicador não definido.....	50
Referências Bibliográficas.....	54

*Rio Amazonas tem alma
Tal como a ave tem asa.
(Fernando Vilela)*

Introdução

Em agosto de 2016 fiz minha primeira viagem à Amazônia. Movida pela vontade de conhecer a maior floresta do mundo, seus moradores, sua fauna, sua flora e ainda ajudar de maneira voluntária algumas comunidades ribeirinhas, entrei em contato com a ONG do “Salva-vidas Amazônia”, que é vinculada a Igreja Adventista do Sétimo Dia, que realiza “Missões” (nome dado às viagens voluntárias) em comunidades ribeirinhas e indígenas no interior da Amazônia. O objetivo era participar de uma missão durante minhas férias, que devido às olimpíadas, neste ano foi em agosto. Montei um grupo com amigos da igreja e nos inscrevemos para uma missão curta, que tem a duração de nove dias.

Não fui com a intenção de pesquisar a infância ribeirinha. Fui com a intenção de imergir na realidade deles e ajudar com o que precisassem. A realidade deles é tão distante da minha, moradora da Zona Sul do Rio de Janeiro, que acabei entrando no lugar de pesquisadora de maneira natural. Observava tudo ao meu redor, queria sentir, tocar, cheirar, ouvir. Não queria perder nada de novo. Me coloquei como ouvinte e não como alguém que tem algo a ensinar. Até porque, de exploração os amazonenses, infelizmente, entendem bem, e essa não era nem de longe minha intenção. Queria mostrar o tempo todo aos ribeirinhos o quanto eu queria aprender com eles e o quanto os ensinamentos deles sobre a vida eram valiosos para mim. Fui para ajudar, mas quem mais foi ajudada foi eu mesma. Aprendi muito naquela semana como ribeirinha.

A escolha do tema para esta monografia veio através da minha visita nessas comunidades. Ver e viver por uma semana em comunidades ribeirinhas me fez querer entender melhor esta realidade tão diferente da minha. Pouco se fala e se estuda sobre as comunidades Ribeirinhas e suas escolas, e por isso, resolvi pesquisar sobre eles. E por ser um campo pouco explorado, não foi tão fácil encontrar material de pesquisas sobre ribeirinhos. Os estudos mais frequentes sobre a Amazônia, no contexto mais antropológico, são mais voltados para a cultura indígena. Dos ribeirinhos pouco se fala e pouco se sabe. E são inúmeras as comunidades ribeirinhas ao longo dos rios amazônicos.

Em fevereiro de 2016, retornei à Amazonia. Durante essas duas viagens fiz muitos registros fotográficos. As imagens, nesta monografia, compõe junto com as palavras o narrar de um percurso onde compreendi a importância do pesquisador se ver como sujeito da experiência.

Isto significa dizer, que embora haja o reconhecimento de que os conceitos teóricos que o pesquisador carrega consigo estejam sempre presentes na orientação do seu olhar sobre o objeto de pesquisa, estes não devem impedir o encontro com o enigma, com a surpresa, com o inesperado. O *sujeito da experiência* é aquele que se deixa afetar pelo encontro com o outro, buscando não só compreendê-lo, mas também aprender com ele. (GUSMÃO & JOBIM e SOUZA, 2008, p.25).

Durante toda minha jornada pela Amazônia, a câmera fotográfica me acompanhou. A produção de um diário de campo era feita não só com anotações mas também através dos meus cliques. Trago para este texto muitas dessas imagens que revelam descobertas, encontros, surpresas e estranhamentos.

As fotos revelam escolhas diante de um universo infinito de imagens possíveis. E é aí que técnica e subjetividade se entrelaçam. A fotografia não é um registro mecânico da realidade. Muito mais que isso, a foto traz grafada a subjetividade do fotógrafo. (GUSMÃO & JOBIM e SOUZA, 2008, p. 25)

Mas "fotografia é memória e com ela se confunde" (KOSSOY, 2001 apud GUSMÃO & JOBIM E SOUZA, 2008, p. 25). Ao me debruçar sobre esta preciosa coleção de imagens, rememorei, refleti e ressignifiquei o encontro com as comunidades ribeirinhas.

No primeiro capítulo falo da primeira viagem, minha primeira vivência amazônica na comunidade do Saracá e dos Ingleses. No segundo capítulo, ainda falo da primeira viagem, da vivência na comunidade do Tumbira, porém com o foco nas professoras Izolena e Dona Saracá. No terceiro capítulo falo da segunda viagem, onde fui com um intuito maior de pesquisar a infância. Trago fotos de algumas tomadas de câmera por parte das crianças e desenhos que mostram um pouco de suas realidades. Conto da experiência da comunidade da Costa do Araras e da Comunidade de São Sebastião.

Fiquei encantada pela Amazônia e de ver que mesmo com pouquíssimos recursos, escolas funcionam e todos os dias as crianças vêm de barcos escolares, estudar cedinho, com um sorriso no rosto. Professores não faltam o trabalho, dão aula mesmo sem formação necessária, e as crianças aprendem a ler e escrever. Além disso, eles estudam para permanecer "no mesmo lugar", ou seja, dentro da comunidade pescando, trabalhando no campo, na floresta, com artesanato, enfim, vivendo de serviços que não são aprendidos dentro da escola, nem em universidades, e mesmo assim, valorizam a escola. Todas as crianças da comunidade vão para a escola e todos os adolescentes também, mesmo com filhos no colo.

No entanto, meu olhar de encantamento não deixou de ver todas as questões problemáticas ali envolvidas. Eles vivem em superação pois o Governo não provê muito do que necessitam. Eles vivem em constante estado de abandono, tendo sempre que lembrar às autoridades, e às vezes para eles mesmo, que a vida deles importa, e que precisam de cuidados diferenciados, pois a situação deles é diferenciada. Digo que eles precisam lembrar para eles mesmo, pois já estão acostumados a viverem isolados e sem suporte externo.

Ao realizar essa pesquisa, constatei ainda mais esse estado de abandono. Pouquíssimos são os estudos feitos sobre os ribeirinhos. Mais restrito ainda quando o foco é na infância. Encontrei dificuldades em localizar autores que discutissem a infância ribeirinha. Destaco aqui a pesquisa de Simeia Santos Andrade e Tatiana do Socorro Corrêa Pacheco, que fala sobre a infância ribeirinha Marajoara e que dialogou em vários momentos com a minha pesquisa. Os outros autores citados, dialogam com a infância e a natureza. Espero que através desse texto, outros se sintam aguçados a pesquisar mais sobre a infância amazônica.

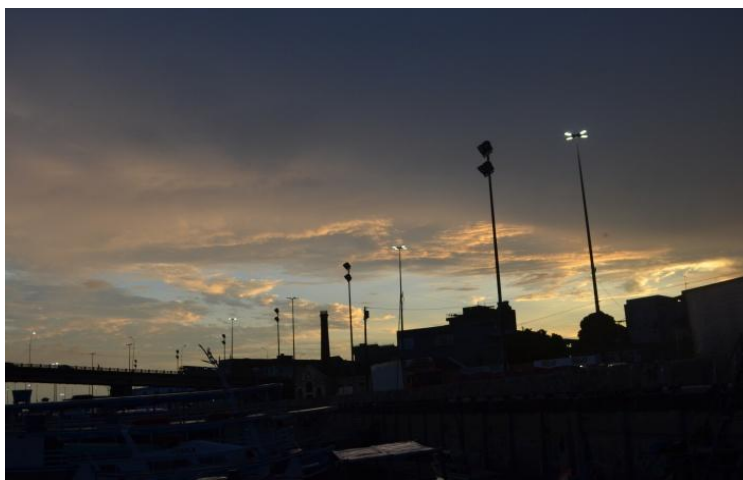
1. Encontro com as comunidades ribeirinhas

1.1. Primeiro contato

Em agosto de 2016 fiz minha primeira viagem a Amazônia. Estava finalmente realizando meu sonho de ver de perto a maior floresta do mundo e do jeito que eu gosto: longe do turismo e vivendo com os locais. Isso foi possível através do projeto de voluntariado “Salva-Vidas Amazônia” que é vinculado à igreja Adventista do Sétimo dia, da qual faço parte, e que tem base próxima à Manaus. De lá saem barcos rio adentro para realizar todo tipo de assistência às comunidades ribeirinhas e indígenas da região. As missões costumam durar 10 dias quando feitas em grupo.

Éramos um grupo menor do que o esperado. Normalmente vão de 20 a 25 pessoas nos grupos, chegando algumas vezes até 30. Mas o nosso grupo fechou em 13. Por isso a nossa missão sofreu algumas adaptações. Os grupos grandes “moram” no barco. São barcos grandes chamados de “recreio”: a cama é uma rede, a cozinha é no barco, se come no barco, o banheiro é no barco, tudo é no barco. Até porque, as missões normalmente abrangem algumas comunidades. Como nosso grupo era pequeno, seria caro usar um barco tão grande para poucas pessoas, por isso, fomos numa lancha para uma comunidade, que foi a nossa casa durante oito dias (dois dias foram passados em viagem pelo rio: um na ida e um na volta). Dormimos numa casa de voluntários que residiam lá (são voluntários que ficam por um ano ou mais no projeto e moram em alguma comunidade em que o projeto assiste) e na igreja da comunidade.

Figura 1 -Pôr do sol em Manaus



(Foto de Júlia Martins, Manaus, 04/08/2016, acervo pessoal).

Figura 2 -Vista da lancha

(Foto de Júlia Martins, Rio Negro, 04/08/2016, acervo pessoal).

Saímos no fim do dia, era sexta. Vimos um lindo pôr do sol do porto de Manaus, e conforme a noite chegava, mais distante da cidade estávamos e mais perto da paz do rio Negro ficávamos. O silêncio do Rio é uma sensação indescritível. É um meio do nada que fica no coração do mundo. É água que não acaba mais. Chegou a noite, um céu estrelado de dar arrepio. Fomos dormir amontoados no barco. Eu dormi na cama de cima do beliche que tinha no quartinho da lancha, apertada com mais uma voluntária. Tinha uma janelinha ao lado da minha cabeça, onde eu pude dormir olhando as estrelas, com os olhos marejados e acordar com uma luz fraquinha, que foi crescendo e me despertando por completo para presenciar o primeiro dos tantos nasceres de sol espetaculares que ainda iria ver durante a semana. Que lugar incrível!

Figura 3 - Primeiro nascer do sol

(Foto de Júlia Martins, Saracá, 05/08/2016, acervo pessoal).

Dormimos no igarapé próximo a comunidade que viria a ser nossa casa durante aquela semana. Os igarapés são uma parte do rio protegida dos banzeiros (as “ondas” que vem “do nada” e vão embora “do nada” e que podem facilmente virar um barco). Os barcos quando atracam no rio costumam ficar nos igarapés por conta disso. Depois desse nascer do sol, fomos finalmente conhecer nossa casa temporária.

1.2. Saracá

Moramos na comunidade do Saracá, localizada as margens do Rio Negro, no município de Iranduba, Amazonas. A comunidade possui 20 famílias. Logo que cheguei à comunidade vi que havia uma escola. Ficava bem na entrada da comunidade, bem centralizada. Não sabia se iria conseguir entrar nela, mas assim que cheguei comentei com nossos líderes sobre esse meu interesse, que me falaram que isso seria super possível. Já fiquei ansiosa.

Figura 4-Escola de Saracá



(Foto de Júlia Martins, Saracá, 05/08/2016, acervo pessoal)

Quando um barco chega é normal que as crianças da comunidade venham receber seus tripulantes. Fomos recebidos com abraços e muitos sorrisos gratuitos e daquele momento em diante, já estávamos fazendo parte da comunidade.

A comunidade do Saracá é considerada desenvolvida para os padrões de uma comunidade Ribeirinha. Por ser relativamente perto de Manaus (6 horas com um barco rápido) acaba tendo mais visibilidade. Logo na entrada tem um restaurante, que nós restauramos e ao seu lado tem a escola. Em frente a eles, e bem na entrada também, há o centro comunitário, que é onde as festas e reuniões acontecem. O presidente da

comunidade mora na primeira casa da comunidade, e sempre vai receber as pessoas que chegam com muito carinho. Ao lado da casa dele tem o posto de saúde, aonde esporadicamente recebem uma agente de saúde, que não necessariamente é uma médica. E no centro de tudo isso, tem um orelhão da OI, que quando toca, todo mundo sai correndo para atender.

Figura 5- Orelhão da Comunidade



(Foto de Júlia Martins, Saracá, 05/08/2016, acervo pessoal).

Fiquei oito dias na comunidade, mas só entrei na escola no terceiro. No primeiro dia visitamos as casas da comunidade para convidar os ribeirinhos para um “assa pão”, que é uma celebração tradicional por lá, aonde as pessoas se reúnem para conversar, brincar e assar um pão cru espetado num palito na fogueira.

A comunidade do Saracá é desenvolvida comparada a outras, e por isso, era comum encontrar televisões, rádios e celulares nas casas. Numa comunidade com 22 casas, diria que em 50% delas tem uma televisão. E como em comunidade, a privacidade não é algo muito comum, quem não tem TV em casa, facilmente vai para casa de alguém assistir. Era época de Olimpíadas, então eles se reuniam bastante para assistir aos jogos juntos, principalmente em dia de jogo de futebol do Brasil.

O futebol é uma tradição fortíssima entre os ribeirinhos. Todo fim de dia termina em um campo. A comunidade do Saracá tem dois campos. Acho que eles só não jogam mais, pois o calor não permite de dia, e a falta de luz não permite de noite. Do mais novo ao mais velho (que ainda consegue jogar), todos se juntam para o jogo. As meninas do Saracá são as campeãs da Reserva, e o prêmio do campeonato é uma vaca, que passa de campeão para campeão. Não é comum ver vacas pelas comunidades, na verdade, não vi nenhuma em nenhuma das comunidades que fui, só a “Vaca troféu” no Saracá.

As partidas de futebol englobam a brincadeira na comunidade toda. Não vi muitos outros momentos de brincadeiras entre eles. Algumas brincadeiras espontâneas às vezes surgiam entre as crianças e das crianças conosco. Mas o que é mais comum de se ver são crianças “mais velhas” carregando outras no colo (que podem ser irmãs, primas ou filhas delas), crianças sentadas na escada da entrada de suas casas, criança saindo para roça ou para pesca com os pais, criança olhando pela janela a “vida passar”. Nos dois primeiros dias em que estive lá sem entrar na escola, foi basicamente isso que vi. Porém, no contato com o “estrangeiro“, eu sentia que elas ficavam mais leves e tinham muita vontade de aprender brincadeiras e se divertir um pouco com a gente. Se deixasse, ficariam o dia inteiro do nosso lado. A sensação que tinha, e que ao nosso lado elas sentiam que podiam ser o que elas mais queriam: crianças.

No terceiro dia entrei na escola. Duas salas de aula. Salas multisseriadas. A primeira tinha crianças de 4-13 anos. A segunda de 13 em diante. Nessa segunda sala, tinham duas alunas que já eram mães, e que inclusive, são irmãs: uma de 13 anos e outra de 15. Entrei na sala das crianças primeiro. Elas já estavam super ansiosas. Levamos algumas folhas com desenhos para colorir e giz de cera. Não tínhamos uma caixa de giz para cada um, então pedimos que eles dividissem. E foi lindo de se ver! Eles tinham um cuidado impressionante com cada giz que pegavam! Não deixavam um do lado de fora, usavam com esmero e emprestavam um para outro tranquilamente. Quando algum se quebrava sem querer, eles olhavam aflitos para mim, como que esperando alguma represália. Mas eu sorria e dizia que não tinha nenhum problema, o que os tranquilizava, mas fazia com que redobrassem o cuidado ao pintar. Ao final, organizaram cuidadosamente os gizes dentro da caixa.

As folhas eram com desenhos “padrões”. Não fui eu que escolhi as imagens, recebemos doações e levamos o que tínhamos. Algumas imagens eram fora do contexto delas, por isso achei melhor apresentar as imagens para eles antes de entregar. Tinha carro, avião, barco, leão, girafa, urso, serpente, onça, trator, escola, criança, coelho, dinossauro, golfinho, foca, estrela, e algumas com relação de número-quantidade, e outras com a letra inicial da figura. Perguntei se eles já tinham andado de carro, a maioria respondeu que não, alguns que já, e outros que já viram carros quando foram a Manaus ou pela TV. O golfinho virou boto ou o tucuxi, que é o boto cinza menorzinho, que eles gostam mais que o rosa, porque o rosa gosta de furar as redes de pesca para comer os peixes. A onça trouxe a tona várias histórias já vividas por eles ou pelos familiares. O avião era mais familiar que o carro, apesar de nunca terem andando, já

viram passar perto da comunidade (provavelmente algum ultraleve que são típicos na região). O barco e a escola saíram bastante. Quase todo ribeirão tem um barco, canoa, voadora (pequeno barco com motor que chega a 50km/h) ou uma rabeta (canoa com motor, que não passa de 30km/h). Houve interesse tanto pelo conhecido, quanto pelo desconhecido. O conhecido trouxe histórias e o desconhecido trouxe perguntas.

Figura 6 - Atividades escolares.



(Foto de Júlia Martins, Saracá, 09/08/2016, acervo pessoal)

Figura 7-Crianças pintando.



(Foto de Júlia Martins, Saracá, 09/08/2016, acervo pessoal).

Figura 8 - Sala de aula em Saracá,



(Foto de Júlia Martins, Saracá, 09/08/2016, acervo pessoal).

Depois propomos uma brincadeira. Separamos a sala em dois grupos (metade para esquerda e metade para direita) e fizemos uma espécie de “imagem e ação”. Uma criança de cada grupo desenhava algo elegido por nós para que seu grupo adivinhasse. Eles adoraram! Mas o que mais me surpreendeu foi a organização deles. Mesmo eufóricos, gritando e competindo, mantinham um nível de organização considerável diante de momentos de brincadeira com pessoas “estranhas” aquele ambiente. Dificilmente saiam do lugar ou criavam conversas paralelas. No máximo levantam para comemorar um acerto.

Como a escola do Saracá é referência na região, muitas crianças vêm de outras comunidades para estudar lá. Um barco escolar é oferecido pelo governo para fazer o transporte das crianças. Ele vai cedo para a comunidade e fica atracado até o final da aula para levar as crianças para as suas comunidades.

Figura 9 –Barco escola.



(Foto de Júlia Martins, 06/08/2016, Acervo Pessoal).

1.3. Comunidade dos Ingleses

No dia seguinte, fomos à comunidade dos Ingleses que fica logo ao lado do Saracá, subindo um pouco mais o Rio, no Igarapé seguinte. É uma comunidade menor, com 16 famílias, e mais humilde. Ao olhar para a comunidade é possível perceber a diferença no desenvolvimento entre ela e a do Saracá. Lá não tem escola, as crianças estudam ou no Saracá ou no Tumbira. Como todas as comunidades que visitei, os ingleses têm um campo de futebol bem grande no meio da comunidade, e o centro comunitário perto da entrada, que foi onde passei a tarde brincando com as crianças.

Figura 10 - Casa na comunidade dos ingleses.



(Foto de Júlia Martins, 06/08/2016, Acervo Pessoal).

Quase nenhuma casa é pintada e a maioria não está finalizada. Bem diferente do Saracá. Embaixo das casas havia muita sujeira e em várias delas não tinha água. As mulheres lavam a roupa e os pratos no rio. As pessoas eram mais curiosas e ao mesmo tempo reservadas. Ficavam olhando da janela, sentadas na escada de casa, mas poucas vinham falar com a gente. E mesmo quando cumprimentadas, eram bem tímidas, de uma maneira geral. Percebi que, diferente do Saracá, eles não costumam receber muitas visitas. Fomos de manhã para realizar uma feira de saúde com eles e falamos que voltaríamos à tarde para brincar com as crianças e fazer mais atendimentos médicos. Ficamos receosos que nesse retorno poucas crianças fossem aparecer, mas para minha surpresa, algumas delas já estavam esperando na beira do rio, outras já no centro, e outras de banho tomado na escada de casa só esperando o chamado. Essa entrega sempre me emocionava muito. Mesmo onde não se recebia tanto amor de fora, eles estavam doidos para receber quando tivessem a oportunidade.

Figura 11- Centro comunitário da Comunidade dos Ingleses.



(Foto de Júlia Martins, 06/08/2016, acervo pessoal).

Figura 12- Crianças brincando.



(Foto de Júlia Martins, 06/08/2016, acervo pessoal).

Figura13-Crianças desenhando.



(Foto de Júlia Martins, 06/08/2016, acervo pessoal)

Figura14-Despedida da Comunidade dos Ingleses.



(Foto de Júlia Martins, 06/08/2016, acervo pessoal).

As próprias crianças se encarregaram de ir chamar as outras. Enquanto umas foram, outras ficaram no centro comigo e fomos conversando um pouquinho. Perguntei o que elas gostavam de fazer por lá. Falaram que gostam de ir para escola, de estudar, de caçar com o pai, de pescar, jogar bola. Perguntei do que gostavam de brincar. Tiveram mais dificuldade para responder, mas enumeraram alguns piques (que lá são chamados de “manja”). Porém, enquanto conversavam comigo, começaram a brincar de se balançar na corda que estava pendurada no teto do centro, formando uma espécie de balanço. Mas elas não citaram a corda como uma brincadeira de que gostam.

Quando chegaram mais crianças, coloquei-as em roda para perguntar os nomes e me apresentar também. Conversamos um pouquinho, e da mesma forma que fiz no Saracá, apresentei os desenhos para eles, emprestei algumas caixas de lápis para dividirem e deixei-os livres para escolherem. Mais uma vez me surpreendi com a organização e o cuidado deles com o material. Pintavam com muito capricho e gostavam de me mostrar todo o processo e de receber elogios. Quando finalizavam, sempre me mostravam. Vários quiseram me dar de presentes. Ofereci folhas brancas para eles criarem também. Saí de lá carregada de desenhos.

Depois pedi que eles me ensinassem alguma brincadeira que eles gostavam de brincar. Falaram um nome estranho para mim, e tive que pedir que me explicassem, pois não fazia ideia do que se tratava a brincadeira. Quando começaram a explicar, vi que era uma espécie de pique, onde quem fosse pego tinha que ficar parada e para não ser pego tinha que encostar-se à parede. Uma espécie de pique-cola com pique-parede. Também brincamos de pique-bandeira, que para eles também tem outro nome. Deu a hora de ir embora, o que era sempre a pior hora. As crianças me pediam para ficar, para voltar, grudavam na minha perna, agarravam na minha mão. Eu fui embora, mas deixei um pedacinho de mim ali.

1.4. De volta à Saracá

No dia seguinte, fiquei no Saracá. Pintamos uma casa e terminamos a reforma do restaurante. A comunidade sempre estava por perto. Na reforma os homens sempre vinham ajudar e sempre tinham dicas ótimas, até porque quase nenhum dos jovens voluntários entendia muito de obra. Algumas mulheres apareceram para ajudar também, enquanto as crianças estavam na escola, na parte da manhã. Na parte da tarde focamos

na pintura, e foi a vez das crianças aparecerem para ajudar. Entre uma parede e outra, fazíamos algumas pausas para brincar, comer um jambo ou um “dindin” (o sacolé feito pela Rosa, que custava um real!) com as crianças.

Figura 15- Comendo Jambo com as crianças.



(Foto de Tainá, 07/08/2016, acervo pessoal).

Figura 16- Crianças ajudando na pintura da casa.



(Foto de Júlia Martins, 07/08/2016, acervo pessoal).

Figura 17- Criança suja de tinta



(Foto de Júlia Martins, 07/08/2016, acervo pessoal).

Esse é o João. Ele tinha quatro anos. Ficou a tarde inteira pintando com a gente. Usou o rolo, o pincel, ficou todo verde e não saiu dali até ser convocado pro jantar. Ele trabalhou quietinho, não era muito falante, pelo contrário, João é bem tímido. Ficou cheio de vergonha quando pedi para tirar uma foto dele. Depois que bati a foto, Letícia pediu para tirar uma foto nossa (abaixo). Depois que Letícia bateu nossa foto, João pediu para tirar uma foto nossa também. Ele bateu nossa foto, minha e de Letícia, e em seguida foi rodando e batendo outras. Depois Letícia pediu de volta a câmera e bateu mais algumas fotos do grupo que ainda estava pintando a casa (as duas últimas fotos da sequência). É possível ver nas fotos as crianças que estavam ajudando na pintura da casa. A comunidade sempre estava envolvida com a gente, o que tornava tudo mais prazeroso, principalmente quando as crianças estavam junto.

Figura 18-Júlia e João mostrando as mãos pintadas.



(Foto de Natália, 07/08/2016, acervo pessoal).

Figura 19-Júlia e Natália mostrando as mãos com tinta.



(Foto de João, 07/08/2016, acervo pessoal).

Figura20- Crianças ajudantes pelo olhar de João.



(Foto de João, 07/08/2016, acervo pessoal).

Figura21- A comunidade do Saracá pelos olhos de João,



(Foto de João, 07/08/2016, acervo pessoal).

Foram muitos os pensamentos que me vieram a respeito das crianças ribeirinhas do Saracá e dos Ingleses. Porém, “compreender a criança produzindo cultura é percebê-la na sua continuidade, ou seja, na sua interação com o mundo.” (ANDRADE e PACHECO, 2016, p. 107). Não há como analisar a infância ribeirinha sem olhar o entorno em que estão inseridos.

Não ver as crianças querendo brincar no rio o tempo todo, como eu queria, me deixou surpresa. Um clima extremamente quente e úmido, que te faz suar o dia inteiro, só me dava vontade de estar no rio o dia todo. Mas eu não vi ninguém entrar no rio para brincar durante a semana toda. Tainá nos acompanhava com o olhar ou em presença

quase que o tempo todo enquanto estivemos lá. Todos os dias entrávamos no rio para tomar banho, no final do dia. Ela sempre achava graça da nossa satisfação em se banhar no rio negro. Sempre a convidávamos para entrar com a gente, mas ela ria e recusava, como se fosse uma ideia estranha. Até que um dia ela entrou na beirinha, de roupa mesmo. Mas nem chegou a mergulhar. No último dia, fomos a uma “prainha” no final da comunidade. Tainá nos acompanhou e mais duas meninas. Nesse dia elas entraram na água, de roupa mesmo, mas mergulharam. Divertiram-se muito naquele banho de rio.

Vimos uma canoa no igarapé da praia e perguntamos a elas se podíamos usar. Elas foram à casa de Seu Pedro pedir, que ficava bem na beira da praia, e ele nos emprestou. Elas foram buscar e remaram com uma facilidade incrível, o que já não aconteceu quando foi a nossa vez de remar.

As surpresas e estranhamentos acompanhavam meu transitar naquele espaço e me convidavam a ter não só uma postura de acolhimento a essa estranheza, mas também de abertura e diálogo ao inesperado. Andrade e Pacheco (2016) chamam a atenção para a presença de outros valores e modos de organizar a vida cotidiana e trazem uma reflexão sobre o que senti em relação ao comportamento das crianças em relação ao rio.

Portanto, valores e diferenças aqui tratados dizem respeito ao modo particular, como os sujeitos desse lugar, em especial as crianças ribeirinhas, vivenciam seus saberes, suas práticas culturais, modos de vida centrados nas relações que estabelecem com o rio e a floresta (p. 111).

O rio não é o lazer deles. É a rua, o “ganha pão”. Eles têm chuveiro em casa, e tomam banho o tempo todo. Sempre estavam cheirosos e de cabelos molhados. Por ser uma comunidade mais desenvolvida, lavar roupa ou tomar banho no rio, não faz parte da realidade deles, pois já possuem água e tanques dentro de casa. Sabem comandar uma canoa desde bem pequenos, pois saem para pescar com os pais, e é um meio de transporte que não exige uma idade para “dirigir”. É bem comum ver crianças sozinhas no comando de canoas.

Na comunidade dos Ingleses, nem todas as casas possuem água, por isso, o rio ainda serve como tanque e banheiro. Mas no dia que passei lá, também não vi nenhuma criança brincando no rio. Como afirmam Andrade, Alves e Reis (2017,p.720), “A infância, ou melhor, a maneira como é vivida, não é igual em toda parte, mas se difere de lugar para lugar. Cada sociedade tem sua cultura e por meio dela designa critérios que determinam como ela será residida pelas crianças.” Apesar de serem todos

ribeirinhos, cada comunidade tem seus traços culturais próprios. O que acontece em uma comunidade, pode não acontecer na outra.

As crianças ribeirinhas possuem um sistema de relações compostas de numerosos elementos interligados com a natureza, perpetuadas pelas vivências, seja no meio ambiente, nos espaços geográficos da comunidade e em seu entorno, e ainda na sintonia com o tempo, que é marcado por uma dinâmica própria em que o movimento das marés, o pôr do sol, a chuva, o luar... dita a vida nesse pedaço da Amazônia. (ANDRADE, ALVES e REIS, 2017, p. 721)

2. A chegada em Tumbira e as professoras Izolena e Saracá

2.1. Tumbira

No dia seguinte, fomos para outra comunidade. Minha incumbência era mais uma vez visitar a escola da comunidade e fazer atividades com as crianças. Tumbira possui 20 famílias, é uma comunidade bem desenvolvida, assim como o Saracá. Todos estavam ansiosos para chegar nela, pois tinham nos dito que lá tinha wifi. Estávamos há cinco dias sem comunicação externa, logo a esperança de uma wifi era como água no deserto.

Chegamos ao Tumbira e ficou nítido que de fato a comunidade estava a frente das outras. A comunidade faz parte da Reserva de Desenvolvimento Sustentável do Rio Negro. Nela moram 35 famílias, e possui uns 200 habitantes. Todas as casas possuem luz elétrica, possui uma escola, que é dividida em quatro seguimentos – fundamental I fica em um lugar, e fundamental II, ensino médio e EJA ficam em outro “prédio”; e o que não pode faltar numa comunidade ribeirinha: um campo de futebol grande no meio da comunidade.

As duas escolas são lindas. Primeiro fui à das crianças. Assim como no Saracá, é uma sala multisseriada, com crianças de 4 a 13 anos. A professora já estava nos aguardando. Pedi licença, me apresentei, fiz algumas poucas perguntas para ela sobre as crianças (se podia colocá-las sentadas no chão, suas idades e o que gostavam de fazer) e então ela nos apresentou para a turma. Estava eu e mais um menino. Pedi para as crianças afastarem as mesas para que pudéssemos sentar no chão em roda para nos conhecer melhor.

Enquanto eles se organizavam, fui observando aquela sala tão limpinha, decorada com carinho nos pequenos detalhes, observei o que a professora havia escrito no quadro (ela estava trabalhando com a música do “meu pintinho amarelinho”, e escrita dos números, mas não consegui descobrir muito mais do que isso) e observei as crianças. Algumas já tinham vindo me abraçar e se apresentar, outras estavam tímidas ainda. Sentamos em roda e fomos nos apresentando. Entre uma criança e outra, ia fazendo brincadeiras com elas, perguntando, mostrando interesse no que elas tinham a me dizer e senti que elas se sentiram acolhidas e foram se soltando cada vez mais. Perguntei se queriam pintar aqueles desenhos que tinha e eles ficaram animados com a

ideia. Assim como nas outras comunidades, apresentei as figuras antes e ao poucos eles foram escolhendo as que queriam pintar. Algo que ficou evidente, lá e nos outros lugares, foi que eles sempre escolhiam só uma, mesmo com muitas outras disponíveis para eles. Eu tinha que oferecer e permitir que pegassem outras para que então o fizessem. Essa possibilidade era motivo de muita surpresa e euforia. Ao contrário dos meus alunos de cá, eles não são acostumados ao muito. O pouco ou o suficiente costuma ser o comum e eles lidam bem com isso.

Figura 22-Apresentando o projeto para as crianças



(Foto de Adrian Tarlev, Tumbira, 08/08/2016, acervo pessoal).

Figura 23- Crianças em roda.



(Foto de Talytha Mendonça, Tumbira, 08/08/2016, acervo pessoal).

Figura 24-Detalhes da sala.



(Foto de Júlia Martins, Tumbira, 08/08/2016, acervo pessoal).

Figura 25 – Crianças pintando



(foto de Júlia Martins, 08/08/2016, Tumbira, Acervo Pessoal)

Enquanto pintavam e desenhavam, foram surgindo muitas histórias e conversas que muito me surpreenderam. A naturalidade de alguns assuntos completamente fora da minha realidade era constante. Eles gostavam muito de desenhar animais. Eu curiosa, ia perguntando quais animais que aparecem por lá, o que eles já tinham visto ou ouvido falar. Eu me divertia com aqueles miúdos me passando tantas experiências tão diferentes das minhas. Eu fui mergulhando naquelas conversas e só sai quando deu a hora de ir embora.

A valorização do diálogo e da expressividade infantil enraiza-se na compreensão da linguagem como produção de significados. Tanto a fala, como o desenho, a brincadeira, a construção, a modelagem e a escrita são formas de interlocução da criança com o mundo no qual ela está mergulhada (GUIMARÃES, 2011, p. 49)

Uma menina de uns sete anos me contou que ela costuma sair com o pai para pescar e que os botos cor de rosa são “terríveis porque querem pegar os peixes que estão na rede e acabam rasgando tudo”. Que o pai dela “pega logo a espingarda e atira

paraafastar os botos e não ter problemas“. Eles gostam mais dos tucuxis, que são os botinhos, porque eles não fazem nada com a pesca de ninguém. Contaram-me que todo jacaré que aparece por lá, a comunidade sai toda atrás dele para matar. Contaram que tinha uma época que os cachorros todas da comunidade estavam sumindo e um dia encontraram um deles morto e descobriram que tinha uma onça por lá comendo eles durante a madrugada. Mas que a onça não era “nem louca” de aparecer por lá porque sabe que vai morrer rapidinho. O “matar” deles é questão de sobrevivência e no discurso das crianças é algo normal. Aquele choque cultural imenso me deixou muito fascinada por aquela infância tão diferente da minha.

A diversidade cultural ia sendo revelada pela linguagem. Através dos desenhos, da fotografia e da linguagem oral, as crianças ribeirinhas da Amazoniame apresentavam e introduziam naquela “complexa e heterogênea sociedade, com culturas e modos diferentes de vida”(ANDRADE e PACHECO, 2016, p. 112).

As crianças ribeirinhas possuem um jeito muito próprio de externar suas ideias, encontrando na oralidade sua melhor forma de expressão. Falar de suas vivências seduz o ouvinte, contando histórias, *causos*, com muita emoção, que se traduz numa fala elaborada com um linguajar próprio do lugar e gesticulações que dão ênfase e ajudam o outro a entender o que estão a dizer. É pela linguagem oral que elas dizem de si, da sua cultura, do seu universo. (ANDRADE e PACHECO, 2016, p. 112)

2.2. As professoras Izolena e Saracá

Depois que as crianças foram embora, fui conversar com a professora Izolena, que assim como as crianças, me encantou. Fiquei tão envolvida na conversa, que atéesqueci-me *dowifi*. A história dela era rica demais para não me envolver. Izolena tem 43 anos, além de professora dos pequenos é mãe de quatro, mediadora do fundamental II, do ensino médio e da EJA, e como se não bastasse, é a presidente da comunidade e é membra do conselho da Reserva de Desenvolvimento Sustentável (RDS) do Rio Negro. Ela foi me contando sua trajetória profissional, o desenvolvimento da comunidade, as características do lugar, as ações do governo e da comunidade.

Figura 26– Fundamental I do Tumbira



(Foto de Júlia Martins, 08/08/2016, Tumbira, Acervo Pessoal)

Figura 27 – Professora Izolena

(Foto de Júlia Martins, 08/08/2016, Tumbira, Acervo Pessoal)

Izolena começou a atuar como professora bem nova. Foi para Manaus estudar, que é o que a maioria dos ribeirinhos que desejam uma formação profissional fazem (que é um desejo da minoria), fez concurso para atuar como professora e trabalhava na cidade. Pouco tempo depois que começou a atuar, o governo começou a incentivar os professores a atuarem no interior, de preferência nas suas comunidades de origem. Então ela voltou para o Tumbira e assumiu a educação de lá. Mas a escola lá não era embaixo de um telhado, mas sim de uma árvore. Ela ia com as crianças para debaixo de uma árvore grande, usava um toco de madeira para colocar suas coisas e ali mesmo dava suas aulas. Na época, morava na comunidade ao lado e tinha que ir remando numa canoa todos os dias bem cedinho até o Tumbira. Contou que muitas vezes chegou lá na “escola” e teve que tirar cobras, insetos enormes e coisas desse tipo da sua “sala de aula”. Ela que levava um lanchinho para as crianças e ela que limpava o local todos os dias antes e depois das aulas. Até que no Governo Lula, as coisas começaram a mudar por lá. Com o programa da Bolsa Floresta, começou a chegar mais recursos para a comunidade e o governo começou a construir mais escolas no interior. O Tumbira hoje possui duas escolas que são destaques dentre as outras porque até hoje o governo financia pesquisas e intercâmbios de profissionais e voluntários por lá.

Izolena também falou sobre a preocupação que ela tem de reforçar a cultura ribeirinha para seus alunos. Eles não só aprendem como também vivem os benefícios da floresta. Sabem sobre fauna e flora amazônica, sobre o rio e as tempestades, sobre remédios naturais, caça, pesca, barcos, construção, enfim, aprendem desde pequenos a valorizarem a cultura ribeirinha que é tão rica. O material escolar que recebem do Estado é contextualizado também. Os livros são multidisciplinares e atendem a demanda de uma sala multiseriado. Ciências e Matemática são estudados juntos, assim

como Geografia e Língua Portuguesa, por exemplo. Achei o material muito interessante e propício à demanda deles

O Governo¹ é bem atuante no Tumbira. Ela falou que “a comunidade lá reclama da vida, mas que não faz nada para mudar, porque os recursos estão chegando sim” (isso foi uma afirmação dela, feita ainda no Governo Dilma, 2016). Quanto às ações do governo, ela criticou a comunidade por “serem acomodados e por quererem as coisas na mão, ao invés de correrem atrás do que querem.” Ela disse que uma prova do investimento do Governo, era a nova escola, de ensino fundamental II, ensino médio (que é uma das poucas escolas do interior que possui) e EJA. A escola foi construída há pouco tempo, é toda equipada com televisões, *wifi*, laboratório, alojamento para os professores que vem de longe, para voluntários e pesquisadores, parquinho e salas individualizadas para cada série. As aulas são transmitidas ao vivo, pela televisão, via *wifi*. Professores especialistas dão a aula e os alunos podem fazer perguntas pela *webcam* durante a transmissão, tendo um professor mediador por sala para coordenar as transmissões. Ela me contou que eles têm o projeto de ter turmas profissionalizantes também, para que os jovens não precisem ir para Manaus para adquirir um diploma.

A falta de professores na região é muito grande. A quantidade de alunos que chegam ao ensino médio é baixíssima. Essa iniciativa do Governo possibilitou que os alunos pudessem continuar estudando no interior, sem ter de ir à Manaus. A Secretaria de Educação do Amazonas encontrou a solução na tecnologia e muitos amazonenses agora conseguem completar seus estudos sem precisar ir muito longe.

As características geográficas, a topografia peculiar das diferentes localidades, os meios de transporte disponíveis aos moradores das comunidades com população rarefeita e o fornecimento irregular da energia elétrica eram obstáculos a serem vencidos. Além disso, há o caso da falta profissionais habilitados em quantidade suficiente para atender o crescimento da oferta educacional. A Unesco vem alertando para a falta de professores em nível mundial. Essa realidade se agrava nas regiões de difícil acesso do nosso país, como é caso do Estado do Amazonas, que tem 18,45% do território nacional e uma logística diferenciada.²

¹Essa parte da pesquisa foi realizada em 2016, ainda no Governo Lula. Quando voltei ao Tumbira em 2017, já no Governo Temer, o cenário já estava diferente, como relato no capítulo 3 e nas considerações finais.

²http://centrodemidias.am.gov.br/index.php?option=com_content&view=article&id=49&Itemid=77,

Figura 28 – Vista da escola



(Foto de Júlia Martins, 08/08/2016, Tumbira, Acervo Pessoal)

Figura 29 – Parquinho da escola



(Foto de Júlia Martins, 08/08/2016, Tumbira, Acervo Pessoal)

Figura 30 – Regimento Interno da escola



(Foto de Júlia Martins, 08/08/2016, Tumbira, Acervo Pessoal)

Este é o regimento interno da escola. Impressionou-me a organização de regras, mesmo na ausência de um corpo docente, como dito na primeira regra, tal como pedagogos, monitores ou secretários. O corpo docente é responsável pela ordem, juntamente com os próprios alunos. E pela organização das salas e pelo pouco que vi dos alunos em sala, essas regras são obedecidas.

Figura 31 – Varanda do Alojamento

(Foto de Júlia Martins, 08/08/2016, Tumbira, Acervo Pessoal)

Nessa nova escola o alojamento também é utilizado por intercambistas do mundo todo que queiram pesquisar, estudar ou trabalhar de maneira voluntária na escola. Esse alojamento foi carinhosamente batizado de: Casa do professor – profa. Raimunda “Saracá” das Chagas Ribeiro.

Raimunda, ou Dona Saracá, como é mais conhecida, foi professora durante quase toda a vida. Hoje, com 73 anos leva o nome da comunidade em que atuou e vive até hoje. Na semana que passei no Saracá, visitei Dona Saracá todos os dias. Ela havia operado, e por isso estava de repouso sem poder passear pela comunidade. Todos os dias quando chegava, pedia desculpas por não poder nos dar atenção como ela gostaria. A conversa sempre era tão boa que não tinha um dia que desejasse ir embora dali. Perdíamos a hora e entrávamos em enredos profundos carregados de lutas e alegrias. A sua casa era a mais bonita da comunidade e recebia visitas constantes. O respeito que todos nutrem por ela é compreensível quando se conhece sua história. Educou aquela comunidade toda e mesmo aposentada, continua indo a prefeitura lutar pelos direitos da comunidade. Diz-se “gaiata”, e é isso mesmo que é. Não pára de brincar e agradecer a Deus pela vida, mesmo tendo passado por tantas tristezas, não se abate. Na parede de sua sala, há um quadro com sua foto e uma legenda com um breve resumo de sua vida, feito pela “coca-cola”. Ele me contou que é conhecida, que já conheceu famosos globais e que já foi entrevistada. Um dia fazendo pesquisas sobre o Saracá, tive a grata surpresa de encontrar a entrevista que foi feita com ela para o “museu da pessoa”. Descobri ainda mais detalhes de algumas histórias que ouvi lá sentada no sofá com ela, na beira da cama ou nos degraus de sua escada. Emocionei-me mais uma vez com essa professora guerreira que é Saracá.

Figura 32- Homenagem a Dona Saracá



(Foto de Júlia Martins, 08/08/2016, Tumbira, Acervo Pessoal)

Eu saí do Tumbira muito encantada. A fala da professora Izolena ficou ecoando nos meus ouvidos. A força que ela tem e que o mundo não sabe foi o que mais me motivou a escrever sobre os ribeirinhos. A luta dela é diária e pouco ecoa fora daquele pedaço de terra às margens do Rio Negro. Foi difícil me despedir dela, pois ficaria dias ouvindo todas as suas histórias. Mas eu precisava cumprir a programação junto ao grupo. Fui embora prometendo a mim mesma que iria voltar, mas não sonhava que esse retorno seria tão breve.

3. O RETORNO À AMAZÔNIA

No final do ano, abriram inscrições para outra viagem para a Amazônia, que iria acontecer no carnaval. Não sabia qual seria o roteiro, mas além da vontade de ajudar aquele povo que tanto me encantou, queria levar o meu olhar pesquisador mais uma vez para aquela terra, também com o objetivo de pesquisar para a monografia a infância ribeirinha.

Mas agora as coisas seriam diferentes. O grupo era maior, logo seria como são feitas as viagens tradicionalmente: morando no barco e dormindo em redes. Uma semana antes da viagem, recebi o cronograma e fiquei imensamente feliz em descobrir que iria conhecer novas comunidades e iria conseguir retornar ao Saracá e ao Tumbira.

Figura 33 – Nossas camas



(Foto de EliezérSona, 26/02/2017, Manaus, Acervo Pessoal)

Figura 34- Voluntários no Barco/casa



(Foto de EliezérSona, 05/03/2017, Saracá, Acervo Pessoal)

A primeira comunidade que fomos foi a Costa do Araras. A comunidade é pouca desenvolvida e é formada por 20 famílias. Eu estava escalada para fazer atividades com as crianças e já fui com intuito de usar alguns recursos de pesquisa.

Logo que chegamos, fomos recepcionados por três irmãos. Laura, a mais velha de cinco anos, Lucas, o do meio de três e Bruno, o mais novo de dois. Eles estavam sentados na lateral da escola, que fica bem na entrada da comunidade. Eles foram meus guias até o local que iríamos realizar as atividades. Fomos até o centro comunitário, que ficava em frente ao posto de saúde. Para chegar lá, percorríamos uma pequena ladeira de barro e por ser época de chuva, estava escorregadia e fazia com que o chinelo formasse uma camada dura e pesada de lama na sola. Antes de irmos, Laura reclamou que íamos para aquele lado, pois o caminho era “melento”. Mas não tínhamos outro espaço para realizar as atividades, então fomos mesmo assim.

Os três além de serem nossos guias, também foram nas casas chamar as outras crianças da comunidade para brincar. Ao poucos os pequenos foram chegando e conforme chegavam, perguntávamos seus nomes e colocávamos uma etiqueta com eles escritos a fim de facilitar a memorização. Nós também estávamos com etiquetas na roupa com nosso nome. Havia crianças pequenas e outras maiores e achamos melhor separá-las afim de fazer com que as brincadeiras fluíssem melhor e por sentirmos que elas não queriam fazer as mesmas atividades. As maiores ficaram com duas voluntárias e estavam fazendo atividades mais corporais e elaboradas. Eu fiquei com as menores, desenhando e conversando.

3.1. Desenhos das crianças ribeirinhas

Primeiro entreguei folhas em branco, e falei para desenharem o que quisessem. Entreguei lápis de cor e giz de cera para dividirem e escolherem qual preferiam usar. Enquanto desenhavam, fui fazendo algumas perguntas informalmente para elas. Perguntei se viam muitos animais por lá, me responderam que “sempre tem boto pulando por lá” e que às vezes aparecem jacarés. Contaram que uma vez, eles viram uma coisa na beira do rio e foram lá ver o que era. Quando chegaram perto, viram que era uma preguiça com o filhote nas costas. No dia anterior a viram atravessando o rio nadando e acharam que ela não ia conseguir chegar do outro lado. Ela chegou, mas sem vida. Senti falta de empatia na fala das crianças que contavam a história.

Esse relato dado de maneira tão indolor e em meio a risadas, me fez lembrar o relato da menina que sai para pescar com o pai que leva espingarda para atirar no boto. Parece que a vida tem menos valor por lá. Tanto de animais quanto de pessoas. Aquelas histórias me chocaram, mas para eles era só uma história de um dia como outro qualquer. Porém é compreensível analisando o quadro geral dos ribeirinhos, onde as

peessoas morrem de doenças “simples” o tempo todo. Nem todos os bebês que nascem sobrevivem, e as mães falam que “assim como a natureza deu, ela pode tirar”.

Perguntei sobre a escola. Todos disseram que gostam de estudar, dos professores e da escola. Lá eles têm uma professora para cada matéria do sexto ao nono ano, e inclusive tem aulas de educação física. O terceiro, quarto e quinto ano são juntos, com uma professora só. A professora vem de Manaus e passa a semana lá, voltando para casa só no final de semana. Quando ela não pode ir para a comunidade por algum motivo, não tem aula. Antes disso eles não possuem turmas, por ainda não ter demanda. Os menores ainda não vão à escola por não ter educação infantil. As crianças de quatro anos, que já tem que ir para escola por lei, entram na sala multisseriada.

Quando entreguei os desenhos e falei para desenharem livremente, queria observar se iriam sair desenhos padrões (casinha, árvore, sol, nuvem, gaivota) ou se sairiam desenhos mais contextualizados com a realidade deles. A maioria foi mais contextualizado. Em todos os desenhos tinham árvores. Muitos tinham o rio presente, alguns com flores e somente em um fizeram casas. No céu, em quase todos, nuvens, sol e gaivota. Algumas árvores com frutas.

As crianças têm a capacidade de dizer do seu lugar de uma maneira simples, concreta e sensível, dando-nos a possibilidade de problematizá-las para que não fiquem no *sensus communis* como crianças “in-fans”-sem voz- mas que as percebamos sob um novo patamar, aquele em que a criança dá um novo sentido a ordem das coisas, que propicia ver a situação a partir de muitos ângulos, que nos faz aprender a aprender, que nos mostra que a Amazônia é um espaço seu e do outro, um lugar ímpar com culturas singulares. (ANDRADE e PACHECO, 2016, p. 111).

Os menores gostavam de pedir nossa ajuda para desenhar. As mais velhas gostavam de assinar o nome. Inclusive uma delas pediu uma folha só para escrever seu nome completo.

Figura 35 – Sol com rosto, casas e árvore



Figura 36-Desenho da Kellen



Figura 37- Floresta alagada



Figura 38- Desenho da Britney

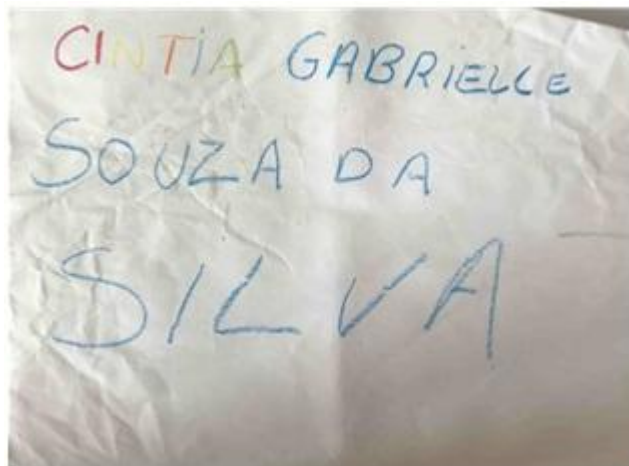


Figura 39- Diferentes árvores**Figura 40 –** Cenário**Figura 41-** Árvores com frutas

Os desenhos me mostraram que as crianças dali desenhavam de fato o seu contexto. Salvo o primeiro desenho, todos os outros estavam bem dentro da realidade da comunidade. Árvores com frutos, florestas alagadas, o rio, pássaros, sol e nuvem, o que é exatamente o que veem diariamente. A questão do nome foi outro fator que me chamou atenção. Todas as crianças que sabiam já escrever o nome, sempre assinavam o

desenho. A ponto de usar uma folha para poder escrever bem grande seu nome todo, de várias cores, como um desenho.

Figura 42- Nome desenho



Senti que existia um orgulho por trás desse movimento. A maioria dos pais não sabem ler ou escrever, portanto as crianças sabem o valor dessa conquista. Esta reflexão me leva a um escrito do poeta uruguaio Eduardo Galeano:

Setembro 8. Dia da Alfabetização. Sergipe, Nordeste do Brasil: Paulo Freire começa uma nova jornada de trabalho com um grupo de camponeses muito pobres, que estão se alfabetizando. Como vai João? João se cala. Amassa o chapéu. Longo silêncio, e finalmente ele diz: -Não consegui dormir. A noite inteira sem fechar os olhos. Mais palavras não saem da sua boca, até que ele murmura: -Ontem, eu escrevi meu nome pela primeira vez (GALEANO, 2012, p.288).

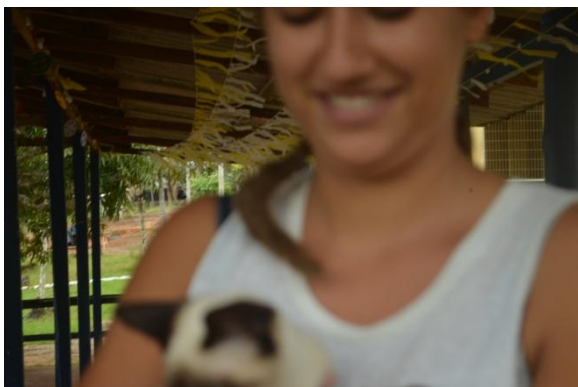
3.2. Olhares

Em todos os momentos desta viagem, a câmera fotográfica me acompanhava. Buscava capturar com as minhas lentes as crianças brincando, a escola, as práticas e interações que se apresentavam diante de mim e também provocadas por minha presença. Muitas vezes, no entanto, eram as crianças que queriam me fotografar.

Quando já estávamos perto de ir, uma das meninas tinha ido em casa levar seu porco (que tinha aparecido lá onde estávamos) fugitivo que “fazia a maior bagunça”. Quando ela voltou, trouxe no colo um filhote de gatinho. Eu estava com a máquina na mão, e pedi para tirar uma foto dela com o gato. Ela disse que queria que eu pegasse o gato para ela tirar uma foto minha com ele, e que ela trouxe o gato por isso. Concordei, entreguei a máquina e peguei o gato no colo. Depois que ela tirou minha foto, falei que mesmo assim eu queria tirar uma foto dela. Ela disse que “não precisava não”. Acabei

tirando uma de longe para guardar para mim. Achei engraçado ela não querer aparecer, mas querer me fotografar com algo querido por ela. Acho que de alguma forma, ela estava agradecendo pelo dia.

Figura 43 – Com o gato, primeira tentativa



(Foto de Cintia, 27/02/2017, Costa do Araras, Acervo Pessoal)

Figura 44- Com o gato, segunda tentativa



(Foto de Cintia, 27/02/2017, Costa do Araras, Acervo Pessoal)

Figura 45- Flagrante dela com o gato



(Foto de Júlia Martins, 27/02/2017, Costa do Araras, Acervo Pessoal)

Na hora de voltar para o barco, fui andando com as crianças até a escada de entrada da comunidade, que levava até o barco. Comecei a me despedir e disse que a tarde voltaríamos. As crianças não me deixavam ir. Começaram a me enfeitar com flores. Fizem “tererê” para colocar na minha trança, pulseiras e espalharam mais algumas pelo meu cabelo. Falavam o tempo todo “tia, você é muito linda!” e me nomearam a “rainha das flores”. Fiquei impressionada com a habilidade criativa e o manejo artesão dos pequenos. Mais uma vez quiseram me fotografar, para mostrar o quanto eu estava “linda”. O carinho que eles tem pelo “estrangeiro” que vai lá para dar atenção é demonstrado em todo momento. Eles têm uma admiração no olhar e a necessidade de querer agradar. Quase não me deixaram ir, mas por fim, voltei para o barco, com a promessa de que a tarde iríamos voltar a comunidade.

Figura 46- Enfeites florais



(Foto de Laura, 27/02/2017, Costa do Araras, Acervo Pessoal)

Almoçamos atracados na beira da comunidade e mais tarde voltamos. Íamos voltar para terminar uma pintura de cerca que começou na parte da manhã por outro grupo. Porém, assim que cheguei, os três irmãos estavam lá no mesmo ponto da manhã, me esperando para brincar. Falei para eles que agora a gente ia pintar a cerca, e eles resolveram ir junto. Daqui a pouco chegaram mais duas meninas e meu coordenador falou para eu ir brincar com eles.

Estava chovendo, o caminho “melento” estava pior ainda, com muitas poças e escorregadio. Peguei os pequenos, Lucas e Bruno no colo, pois o caminho estava bem ruim para irem andando e fomos pro mesmo lugar que ficamos pela manhã. Chegando lá, não havia nada para oferecer para as crianças, pois não havia me programado para estar com elas. Começaram então a brincar com a corda que estava pendurada no teto, que formava uma espécie de balanço improvisado, eles ficaram lá com a outra

voluntária que veio um pouco depois de mim e eu voltei ao barco para pegar umas folhas, lápis de cor e alguns brinquedos para doar.

Figura 47- Laura balançando



(Foto de Júlia Martins, 27/02/2017, Costa do Araras, Acervo Pessoal)

Figura 48- Meninos brincando



(Foto de Júlia Martins, 27/02/2017, Costa do Araras, Acervo Pessoal)

Quando voltei, as crianças estavam carregadas de manga. Em frente ao centro comunitário havia uma mangueira enorme onde as crianças ficavam pegavam as mangas do chão, ou subiam para pegar no pé. Não era uma árvore fácil de subir. Elas subiam no telhado que tinha ao lado da árvore e iam escalando do tronco para os galhos e jogando as manguinhas lá de cima para os outros pegarem. Comiam a manga igual maçã. Ficamos um tempinho comendo manga atrás de manga. Depois duas das meninas foram pegar “azeitona” no pé. Achei estranho, mas esperei elas voltarem para descobrir o que seria essa “azeitona”. Fizeram um “bolso” com a blusa e vieram com frutinhas roxas encaixadas contra a barriga. Ofereceram-me aquela azeitona grande e roxa,

experimentei e tive certeza que não era a azeitona que estava habituada a comer. Era Jamelão, bem docinho e gostoso. Mas por lá, nunca nem ouviram esse nome.

Figura 49- Menino comendo manga



(Foto de Júlia Martins, 27/02/2017, Costa do Araras, Acervo Pessoal)

Quando voltei do barco, trouxe uma sacola grande e disse para eles que seria uma surpresa para depois. Obviamente, me questionaram inúmeras vezes sobre o conteúdo. Eram os brinquedos que íamos doar. Peguei, propositalmente, bonecas e carrinhos, que são brinquedos que costumam ser divididos pelo sexo. Coloquei em cima da mesa e disse que cada um poderia escolher um. Sem influenciar e de maneira livre, os meninos pegaram os carrinhos, e as meninas pegaram as bonecas. As meninas que pediram carrinhos, queriam levar para os irmãos. Não surpresa, constatei que o “brinquedo de menina” e o “brinquedo de menino”, mesmo no meio da floresta, numa comunidade onde nem possuem televisão, é tão forte quanto na cidade.

Antes de ir embora, tirei algumas fotos da escola, que estava fechada, através da grade. Achei a escola bem conservada. É o único ponto da comunidade com wifi, que só funciona quando ligam o gerador da comunidade, que não fica ligado o dia inteiro. Normalmente o ligam por uma hora, ou menos no dia, para usarem energia. O gerador faz um barulho muito alto, não é agradável quando está ligado, mas funciona como uma espécie de sinal para quem quer usar o wifi se aproximar da escola para usufruir durante aquele tempinho.

Figura 50- Horário das aulas

	SEGUNDA-FEIRA	TERÇA-FEIRA	QUARTA-FEIRA	QUINTA-FEIRA	SEXTA-FEIRA
MANTUENDO	7.30 às 8.15 MAT	7.30 às 8.15 L.FIS	7.30 às 8.15 GEO	7.30 às 8.15 MAT	7.30 às 8.15 GEO
	8.15 às 9.00 MAT	8.15 às 9.00 L.FIS	8.15 às 9.00 GEO	8.15 às 9.00 MAT	8.15 às 9.00 GEO
	9.00 às 9.45 MAT	9.00 às 9.45 L.FIS	9.00 às 9.45 GEO	9.00 às 9.45 MAT	9.00 às 9.45 GEO
	9.45 às 10.30 MAT	9.45 às 10.30 L.FIS	9.45 às 10.30 GEO	9.45 às 10.30 MAT	9.45 às 10.30 GEO
	10.30 às 11.15 MAT	10.30 às 11.15 L.FIS	10.30 às 11.15 GEO	10.30 às 11.15 MAT	10.30 às 11.15 GEO
	11.15 às 12.00 MAT	11.15 às 12.00 L.FIS	11.15 às 12.00 GEO	11.15 às 12.00 MAT	11.15 às 12.00 GEO
	12.00 às 12.45 MAT	12.00 às 12.45 L.FIS	12.00 às 12.45 GEO	12.00 às 12.45 MAT	12.00 às 12.45 GEO
	12.45 às 13.30 MAT	12.45 às 13.30 L.FIS	12.45 às 13.30 GEO	12.45 às 13.30 MAT	12.45 às 13.30 GEO
VEPENTINO	13.30 às 14.15 MAT	13.30 às 14.15 L.FIS	13.30 às 14.15 GEO	13.30 às 14.15 MAT	13.30 às 14.15 GEO
	14.15 às 15.00 MAT	14.15 às 15.00 L.FIS	14.15 às 15.00 GEO	14.15 às 15.00 MAT	14.15 às 15.00 GEO
	15.00 às 15.45 MAT	15.00 às 15.45 L.FIS	15.00 às 15.45 GEO	15.00 às 15.45 MAT	15.00 às 15.45 GEO
	15.45 às 16.30 MAT	15.45 às 16.30 L.FIS	15.45 às 16.30 GEO	15.45 às 16.30 MAT	15.45 às 16.30 GEO
	16.30 às 17.15 MAT	16.30 às 17.15 L.FIS	16.30 às 17.15 GEO	16.30 às 17.15 MAT	16.30 às 17.15 GEO
	17.15 às 18.00 MAT	17.15 às 18.00 L.FIS	17.15 às 18.00 GEO	17.15 às 18.00 MAT	17.15 às 18.00 GEO

(Foto de Júlia Martins, 27/02/2017, Costa do Araras, Acervo Pessoal)

Este horário das crianças me impressionou bastante. Eles não têm aulas de português nem de história, e o intervalo dura somente 15 minutos. Porém eles possuem aulas de educação física, que em outras escolas não tem. O intervalo costuma ser pequeno, pois a pausa é para o lanche. As escolas não possuem pátios, portanto as crianças não tem muito o que fazer além de lanchar. O que me deixou curiosa para saber aonde que as aulas de educação física eram realizadas, porém não consegui encontrar essa resposta.

Figura 45- Escola da Costa do Araras

(Foto de Júlia Martins, 27/02/2017, Costa do Araras, Acervo Pessoal)

Figura 46- Mural

(Foto de Júlia Martins, 27/02/2017, Costa do Araras, Acervo Pessoal)

Figura 47- Paredes

(Foto de Júlia Martins, 27/02/2017, Costa do Araras, Acervo Pessoal)

3.3.Rio Cuieiras

No dia seguinte, entramos numa das afluentes do Rio Negro, no Rio Cuieiras, aonde existem diversas comunidades pertencentes a uma reserva Indígena. Apesar disso, a comunidade não é indígena, é ribeirinha, porém com traços bem indígenas nos semblantes dos ribeirinhos. Fomos na comunidade de São Sebastião, que possui 30 famílias. Nessa comunidade, não tive tanto contato direto com as crianças. De manhã fizemos uma feira de saúde para os adultos e na parte da tarde fomos tomar banho de rio. Estava um dia lindo e muito calor, mas isso não foi suficiente para tirar os ribeirinhos de casa, numa tarde de feriado de carnaval, para tomar um banho de rio ou para brincar.

Depois do jantar, voltamos à comunidade. Fomos fazer uma atividade com as crianças. Já era noite, e a energia é por gerador e não consegue suprir a demanda da

comunidade toda, e muitas vezes falha. Fomos com as crianças para o posto médico, enquanto os adultos ouviam palestras no centro comunitário. O gerador parou, e todos ficaram no escuro. Estávamos a base de lanternas, até alguém lembrar que a escola também estava com o gerador ligado e sugeriu de irmos para lá. a escola de fato estava aberta, com as luzes ligadas, mesmo sendo feriado e sendo noite. Achei curioso, mas na hora não questionei.

As crianças se acomodaram nas mesas que ficam no centro da escola que são usadas para a merenda. Aproveitei para dar uma explorada enquanto as crianças terminavam seus desenhos. A escola era bem simples e estava tudo muito precário. Pensei em deixar o material que as crianças estavam usando ali na escola, como doação. Eram algumas caixas de lápis de cor. Fui na secretária, que estava aberta e tinham duas moças trabalhando. Perguntei se elas estavam precisando de alguma coisa na escola, pois tínhamos alguns materiais no barco para doação. A moça, que depois me disse que era a diretora da escola, me olhou nos olhos e com muita sinceridade e desabafando, falou que precisa muito, pois as aulas iam começar em dois dias e eles não haviam recebido absolutamente nada do governo e estavam desesperados.

Saí quase que correndo até o barco e recolhi tudo que achei e que seria útil para pelo menos iniciar um ano letivo. Como professora, entendi o desespero daquela diretora, e durante esse trajeto chorei por mais uma vez perceber que a educação no Brasil, principalmente a pública, vive em estado de abandono. Se nas cidades o material não chega, no meio da floresta, num rio distante, numa reserva indígena, ele não vai chegar também. E mesmo assim, tem professores ali, acordados até tarde, trabalhando no feriado, para tentar dar um início de ano letivo digno para aquelas crianças, que não tem culpa.

Quando cheguei com a caixa cheia de folhas brancas, coloridas, cartolinas, EVAs, lápis grafite, lápis de cor, borrachas, apontadores, canetas, giz de cera e canetinhas, a diretora abriu um sorriso e ficou sem saber o que dizer. Falei para ela que era tudo deles, e que eu gostaria de dar muito mais, pois sei o valor e a necessidade daquilo dentro de uma escola. Ela agradeceu e disse que aquele material já ajudava muito, pois nem folhas eles tinham na escola. Dei uma abraço nela e me distanciei, pois não queria chorar na sua frente.

A realidade a que estão submetidos é muito dura. Eles têm o direito de receber material, assim como em qualquer escola. As condições são muito mais difíceis rio adentro, mas não menos importantes. Espero que este trabalho monográfico contribua

para estudos e pesquisas sobre o lugar que as crianças ribeirinhas ocupam na sociedade e principalmente “que saberes produzem estão escondidos sob a ótica do descaso, da fragilidade, da falta de credibilidade do que elas afirmam, especialmente das práticas culturais tão presentes no seu cotidiano”(ANDRADE, REIS e ALVES, 2017, p. 722).

4. Considerações finais:

Vi muitas infâncias presentes no interior da Amazônia e compreendi com Andrade e Pacheco (2016) e Kramer (2011) que, aprender com as crianças ribeirinhas é aprender a olhar a vida pelo avesso:

Aprender com as crianças pode ajudar a compreender o valor da imaginação, da arte, da dimensão lúdica, da poesia, de pensar adiante. Entender que as crianças têm um olhar crítico que vira pelo avesso a ordem das coisas, que subverte o sentido de uma história, que muda a direção de certas situações, exige que possamos conhecer nossas crianças, o que fazem, de que brincam, como inventam, de que falam. [...] há que aprender com a criança a olhar e virar pelo avesso, a subverter, a tocar o tambor no ritmo contrário ao da banda militar, de maneira que as pessoas, em vez de gritar, obedecer ou marchar, comecem a bailar (KRAMER, 2011, p. 117)

Não acho que a saída para os ribeirinhos seja sair do interior para as cidades, que é onde tem mais acesso as coisas. Acredito que a saída é a que eles estão buscando: ter oportunidade de escolha no local onde moram. Buscar financiamento para levar luz, sinal de telefone, água encanada, criar e ampliar escolas, ter suporte médico, dentro de suas comunidades. O desafio é enorme, pois a Amazônia é enorme e possui locais de difícil acesso.

Outro movimento muito válido está começando no Tumbira. Na minha segunda viagem, retornei ao Tumbira. Passei uma tarde com as crianças de lá e estava desejando muito encontrar com Izolena novamente. Mas acabamos chegando atrasados na comunidade e as atividades foram mais corridas. Não tivemos muito tempo livre. O ano letivo ainda não tinha começado, então não pude ir na sala de aula como fiz da vez. Fiquei com as crianças na varanda da escola maior, ao lado do posto médico, aonde os médicos voluntários estavam fazendo consultas. Já perto da hora de irmos, Izolena apareceu para ver suas filhas, que estavam lá comigo. Fui abraçá-la e falei que queria conversar com ela um pouco antes de ir. Arrumei as coisas, me despedi das crianças, entregamos algumas doações e fui ao encontro de Izolena.

Não tivemos tempo de conversar tanto quanto gostaria, foi rápido. Falei para ela que tinha ficado tão encantada com tudo que vi na primeira viagem, que não só quis voltar como também resolvi escrever minha monografia a respeito disso. Ela gostou de saber e com muito orgulho falou que ela ia dar início a educação Infantil no Tumbira. Que foi uma luta mas que finalmente a comunidade apoiou e juntos eles construíram uma salinha para os menores poderem ter um espaço só para eles. Mas que apesar de todo o esforço, ela não tinha material para oferecer as crianças, pois mal tinha chegado

para o fundamental, que dirá para a educação Infantil, que é algo incomum no interior amazônico. Falei para ela que ainda havia material escolar no barco, e ela sem esconder a empolgação, falou que queria. Fui correndo no barco, pois já estavam nos chamando para ir embora, recolhi todo o material que ainda havia por lá e voltei com uma caixa cheia para ela.

Izolena não quis criar a Educação Infantil por necessidade dos pais deixarem as crianças em algum lugar enquanto trabalho, isso não costuma ser uma demanda dos ribeirinhos, mas ela entende a importância da criança estar na escola desde pequena. O intuito dela é o lúdico, a brincadeira e a sustentabilidade. E eu concordo com ela que tendo essas três frentes desde a infância, certamente irá resultar em adultos mais conscientes das demandas atuais, e dentro de suas próprias comunidades. Achei a iniciativa corajosa e importantíssima. Ela me passou seu facebook para que eu fosse acompanhando a escola por lá. Ela não atualiza diariamente, mas sempre que posta algo sobre as escolas, o lúdico, a brincadeira e a sustentabilidade estão sempre expostos.

Léa Tiriba (2010) fala da importância do cuidado com a Terra que deve ser ensinado, desde a infância, dentro de casa e nas escolas. Ela fala aos professores que “Também é nosso papel ensiná-las a cuidar da Terra”(p. 2). Aonde tudo é floresta, entendo que essa responsabilidade é ainda maior, pois elas, mas do que nós, precisam dela para viver. Se não estiverem em harmonia, não sobrevivem. Ela continua afirmando “a necessidade de uma educação infantil ambiental fundada na ética do cuidado, respeitadora da diversidade de culturas e da biodiversidade.. ” (TIRIBA, 2010, p. 2).

a) Religar as crianças com a natureza; b) reinventar os caminhos de conhecer. c) dizer não ao consumismo e ao desperdício. O primeiro objetivo nos convida a um novo olhar de admiração, desfrute, reverência e respeito à natureza, como fonte primeira e fundamental à reprodução da vida. O segundo nos convoca a rejeitar práticas pedagógicas que propõem um conhecimento intelectual e descritivo do mundo natural, tomado como simples “objeto de estudo”, domínio de explorações humanas. E o terceiro objetivo questiona e combate às práticas consumistas, abrindo espaços e incentivando trocas humanas em que as referências são os seres vivos, não os objetos. (TIRIBA, 2010, p. 3)

Esse trecho da carta é bem específico no que diz respeito às ações que precisam ser feitas dentro das escolas. Enquanto que no Tumbira o movimento vai para esse lado sustentável e na valorização do convívio da crianças na natureza, não senti isso tão presente nas outras comunidades. No Saracá, por exemplo, senti as crianças “emparedadas”. Não teve nenhum dia, durante a semana toda em que estive por lá, que

a professora levou os alunos para fora da sala. Eles passam a manhã toda dentro da sala de aula, mesmo tendo uma natureza toda ao dispor deles ao abrir a porta. Senti que o valor da educação tradicional ali era muito valorizada. De que para ensinar, os alunos precisam estar sentados ouvindo a professora falar e escrever no quadro para eles copiarem.

Nesse contexto, precisamos afirmar a importância de as crianças desfrutarem de um ambiente bonito, arejado, iluminado pelo Sol, que ofereça conforto térmico, acústico e visual. Mais que isso, entendendo que as crianças são seres da natureza, é necessário repensar e transformar uma rotina de trabalho que supervaloriza os espaços fechados e propiciar contato cotidiano com o mundo que está para além das salas de atividades. (TIRIBA, 2010, p.6)

Não é porque moram na natureza que eles vão necessariamente cuidar dela. Não é porque eles têm uma escola, que eles precisam ficar somente dentro da sala de aula. Não é porque o rio é a estrada, que eles não podem brincar nele. Não é porque costumam cuidar dos seus irmãos menores, que eles não podem brincar com eles. Não é porque eles têm televisão, que não devem sair mais para ver o sol se pondo ou o céu estrelado. Em algumas comunidades, senti falta da sensação de que eles são da natureza. Senti que eles têm a natureza como casa e como recurso. Senti falta de ver a conexão do homem com a natureza, como eu senti ao chegar ali.

É preciso trabalhar numa perspectiva de humanização, de resgate da experiência, conquista da capacidade de ler o mundo, escrevendo a história coletiva, apropriando-nos das diferentes formas de produção da cultura, criando, expressando, mudando. Com experiências de educação e socialização em que se pratique a solidariedade entre crianças, jovens e adultos, em que existam laços de coletividade, eles capazes de gerar o sentido de pertencimento com reconhecimento das diferenças. (KRAMER, 2010, p. 278 - 279)

É claro que não posso deixar de olhar seus contextos. Cada comunidade tem sua cultura, seus ganhos, suas evoluções. Eles estão em adaptação. Não só eles, como todos nós. O mundo vive em constante mudança, e eles que foram esquecidos por tantos e tantos anos, estão recebendo essas mudanças aos poucos e da maneira deles, se apropriando.

Meu objetivo principal ao escrever esse texto, é trazer um pouco de conhecimento a respeito dos ribeirinhos, lhes dar visibilidade mostrando que eles têm uma cultura rica e que querem ser ouvidos. Distanciá-los da barbárie a que são submetidos constantemente.

Penso que não corremos o risco de chegar à barbárie porque há muito vivemos na barbárie. E devemos educar contra ela. Educar contra a barbárie significa recuperar a história e as histórias guardadas e esquecidas,

estabelecendo uma outra relação com a tradição; significa *colocar o presente numa situação crítica* e compreender que o passado não precisaria ter sido o que foi, o presente pode ser diferente do que é , portanto, é possível mudar o futuro. (KRAMER, 2010, p. 278)

Que a luta por melhorias seja constante, sempre respeitando as histórias eculturas. A Amazônia precisa da gente e nós precisamos dela.

Referências:

ANDRADE, Simeia Santos; REIS, Magali dos; ALVES, Laura Maria Silva Araújo. Entre rios e floresta: o cotidiano das crianças ribeirinhas da Amazônia marajoara. Anais do **I Congresso de Estudos da Infância**. Diálogos Contemporâneos . EDI/EDU/UERJ Rio de Janeiro, 2017.

ANDRADE, Simeia Santos; PACHECO, Tatiana do Socorro Corrêa Pacheco. Infâncias e crianças ribeirinhas da Amazônia marajoara: linguagens e práticas culturais. In: Programa de Pós-Graduação em Educação. Puc-Minas. **@arquivo brasileiro de educação**, V4, n9, set-dez, 2016. Disponível em: <http://periodicos.pucminas.br/index.php/arquivobrasileiroeducacao/issue/view/878> Acesso em 05 de setembro de 2017.

Centro de mídias de Educação do Amazonas. Disponível em: http://centrodemidias.am.gov.br/index.php?option=com_content&view=article&id=49&Itemid=77>. Acesso em 17 de setembro de 2017.

GALEANO, Eduardo. **Os Filhos dos Dias**. Porto Alegre, RS: L&PM, 2012.

GUIMARÃES, Daniela. As manifestações infantis e as práticas pedagógicas. In: NASCIMENTO, Anelise Monteiro(org.). **Educação Infantil e ensino fundamental: contextos, práticas e pesquisa**. Rio de Janeiro: Nau Editora, EDUR, 2011, p. 49-54.

GUSMÃO, Denise & JOBIM e SOUZA, Solange. A estética da delicadeza nas roças de Minas: sobre a memória e a fotografia como estratégia de pesquisa-intervenção. In: **Psicologia & Sociedade**; 20. ed. Especial: 24-31, 2008. Disponível em: <https://goo.gl/sstaht>. Acesso em 02 de julho de 2017.

KRAMER, Sonia. Infância e educação: o necessário caminho de trabalhar contra a barbárie. In: KRAMER, Sonia; LEITE, Maria Isabel; NUNES, Maria Fernanda e GUIMARÃES, Daniela. (Orgs.) **Infância e Educação Infantil**. Campinas, SP: Papirus, 2010.

KRAMER, Sonia. Infância, cultura contemporânea e educação contra a barbárie. In: BAZÍLIO, Luiz Cavalieri; KRAMER, Sonia. **Infância, educação e direitos humanos**. 4. ed. São Paulo, Cortez, 2011. p. 93-151.

TIRIBA, Léa. Crianças da Natureza. **Anais do I Seminário Nacional: Currículo em Movimento - Perspectivas Atuais**. Belo Horizonte, novembro de 2010. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/docman/dezembro-2010-%20pdf/7161-2-9-artigo-mec-criancas-natureza-lea-tiriba/file>. Acesso em 07 de setembro de 2017.